

BOLSA FAMÍLIA

Programa não reduz trabalho infantil

Segundo Adriana Rosa do Nascimento, estudante da Esalq, programa Bolsa Família não é estatisticamente significativo na redução

Adriana Rosa do Nascimento, mestranda em Economia Aplicada na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), analisa o impacto do Programa Bolsa Família sobre as decisões de trabalho das crianças. Orientada por Ana Lucia Kassouf, professora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Adriana atualizou pesquisas anteriores e utilizou como base microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo, como foco, crianças com idade entre cinco e 15 anos.

"O estudo concentrou-se em crianças dessas idades porque é a partir de cinco anos que os dados sobre trabalho são coletados na PNAD e o trabalho é permitido no Brasil a partir dos 16 anos", conta Adriana. O trabalho apresenta informações sobre o perfil das crianças que trabalham. "São geralmente meninos, que exercem atividades ligadas à agropecuária, pesca e silvicultura, setores que mais empregam a mão de obra infantil, seguidos pelo comércio e serviços domésticos, em se tratando das meninas".

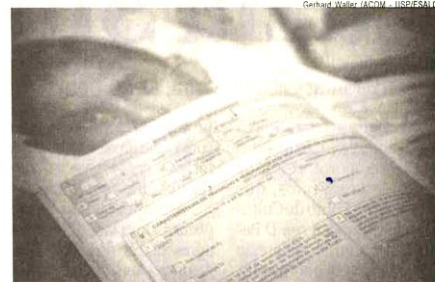
Segundo Adriana, o programa Bolsa Família não é

estatisticamente significativo na redução do trabalho infantil por diversos fatores. No entanto, para crianças da zona urbana o aumento no valor do benefício social reduz a probabilidade de a criança trabalhar. A pesquisadora diz ainda que, no caso das crianças que trabalham, o valor do benefício tem impacto negativo sobre o número de horas trabalhadas tanto na zona urbana quanto na rural.

Adriana destaca que os resultados encontrados não significam que o programa Bolsa Família não tenha impacto sobre o trabalho infantil. "Programas de transfe-

rência de renda reduzem a vulnerabilidade social e a pobreza das famílias participantes tornando o trabalho infantil não necessário para garantir a sobrevivência da família". E acrescenta que o que ocorre, muitas vezes, e já foi mostrado por outras pesquisas, é que o trabalho realizado por jovens não possui a conotação negativa que usualmente se associa a ele.

A economista observou também, o fato de que muitas vezes o trabalho é considerado uma forma de preparação para a vida adulta e uma maneira de jovens possuírem um rendimento próprio e que muitas famí-



Estudo focou crianças com idade entre cinco e 15 anos

lias também consideram o trabalho uma alternativa para ocupar o tempo livre de crianças e adolescentes. "Dessa forma, embora os programas de transferência de renda atuem no sen-

tido de reduzir a pobreza, o trabalho infantil, por possuir outros determinantes além da pobreza familiar, não é tão impactado pela participação da família no programa" conclui.